

## OS PARQUES PÚBLICOS URBANOS NA CONTEMPORANEIDADE

**A compressão do tempo de lazer e o reflorescimento de práticas de resistência***Reflexões sobre as atividades de piqueniques na cidade do Rio de Janeiro*

Autora: Julia Silva Benayon

Universidade Federal Fluminense – UFF; juliabenayon@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte de uma reflexão sobre os espaços públicos, em especial os parques públicos urbanos, apropriados por atividades de lazer coletivo. Para exemplificar estas apropriações foi escolhida a atividade de piquenique como uma possível descompressão às compressões da vida cotidiana na cidade o que, como afirma Harvey<sup>1</sup>, é resultado da exigência de uma ordem para criar uma vida urbana alternativa, menos alienada, mais significativa e divertida. O piquenique será considerado, para fins deste estudo, como uma das expressões mais significativas desses movimentos de lazer na cidade, na medida em que podemos observar um crescimento desta prática, que faz parte do imaginário coletivo pelo menos desde o Século XIX<sup>2</sup>.

O reflorescimento dos piqueniques nos parques públicos urbanos da cidade do Rio de Janeiro norteou investigações para buscar possíveis elementos que justifiquem esta prática. O estudo monta um panorama que insere os convescotes<sup>3</sup> na contemporaneidade apresentando alguns aspectos característicos da condição pós-moderna<sup>4</sup>. A fim de elucidar como a sociedade lida com o lazer, o argumento aponta para as relações entre a compressão do tempo de lazer em função da expansão do tempo de trabalho, que parece ser um dos elementos que estimula o surgimento de movimentos de resistência à aceleração da vida.

A fim de tratar dos parques públicos, em si, o estudo contextualiza aspectos de projeto e implantação de equipamentos de lazer no território da cidade. Para tal, conceitua que a cidade é produto de decisões políticas, que fixam no espaço urbano modelos de desenvolvimento, contenção e expansão. Neste contexto, observa-se que a própria localização dos equipamentos públicos de lazer vão possibilitar e ou proporcionar vivências e sociabilidades pelos espaços de convívio da cidade.

---

<sup>1</sup> 2014, p.11

<sup>2</sup> O século XIX corresponde ao Movimento Romântico. Movimento literário, artístico e cultural no qual os valores de volta à natureza estiveram intensamente presentes.

<sup>3</sup> O mesmo que piqueniques, em português do Brasil.

<sup>4</sup> Referência ao título de David Harvey (2007) *Condição pós-moderna*.

Após este panorama contextual o artigo discorre sobre as atividades de piqueniques, em si, trazendo suas origens, resgatando suas representações, e expondo casos diversos de ocupação do espaço público na cidade do Rio de Janeiro em diferentes parques, por diferentes tipos de convescotes: aqueles espontâneos – em que os participantes levam suas cangas, toalhas e lanches para compartilhar uns com os outros – *versus* os piqueniques contratados a agências/empresas especializadas no assunto – em que a empresa pode fazer tudo por quem o contrata, desde a decoração do evento ao buffet servido.

Através deste panorama é possível perceber que o assunto é vasto, e abre possibilidades para outras reflexões sobre os parques públicos urbanos. O estudo aqui apresentado não esgota a temática, mas levanta questionamentos sobre a apropriação das áreas públicas urbanas como uma forma de ressignificar e fazer ascender a vida pública e política nas cidades, que parece se exprimir à medida que a esfera privada é expandida.

## 2. ASPECTOS DA CONTEMPORANEIDADE

Na contemporaneidade, o lazer e suas práticas estão associados a novos estilos de vida. Em Harvey (2007, p.257) se apreende que a condição pós-moderna se relaciona à compressão do tempo-espaço, o que impacta diretamente nos meios de agir política e socialmente.

Desejo sugerir que temos vivido nas duas últimas décadas uma intensa fase de compressão do tempo-espaço que tem tido um impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural.

(...)

Dentre os muitos desenvolvimentos da arena do consumo, dois têm particular importância. A mobilização da moda em mercados de massa (em oposição a mercados de elite) forneceu um meio de acelerar o ritmo do consumo não somente em termos de roupas, ornamentos e decoração, mas também numa ampla gama de estilos de vida e atividades de recreação (hábitos de lazer e de esporte, estilos de música pop, videocassetes e jogos infantis etc.).

A contemporaneidade apresenta inerências ligadas à aceleração do tempo que acabam por produzir uma série de outros efeitos em várias esferas. “A aceleração do tempo de giro na produção envolve acelerações paralelas na troca e no consumo” (Harvey, 2007, p.257). Dentre as questões fundamentais que constituem o sistema político-econômico hegemônico se destacam a alta velocidade com que o capital se reproduz (o giro do capital); a velocidade cada vez maior com que informações e dados são transferidos e se propagam; o fluxo de dinheiro através dos bancos eletrônicos e dos cartões de crédito; a agilidade e fluidez da moda, que afeta desde vestuários a estilos de vida e consumo. Neste contexto de acelerações e rápidas mudanças está inserido o indivíduo e sua constante busca de identidade,

auto-realização e significado na vida (Harvey, 2007, p.260) e as atividades de lazer também se inserem neste contexto.

Suspeita-se haver uma relação entre a compressão do tempo, um estilo de vida agitado, e a deflagração de crises existenciais que produzem um movimento de contracorrente e negação desta ordem. Ilustram esta afirmação o contemporâneo crescimento de opções saudáveis em termos de lazer, alimentação e hábitos de consumo, com ampla oferta de alimentos orgânicos, atividades lúdicas no meio da rotina, programas na TV aberta que estimulam hábitos saudáveis e a busca pelo bem-estar.

A moda que acomete as roupas e bens de consumo parece estar também presente nos estilos de vida e no tipo de lazer escolhido. Em uma sociedade em que a imagem ganha tanta importância, praticar determinado esporte, utilizar determinada vestimenta, e ir a determinado lugar são elementos de construção de identidade e de produção de imagem. Neste sentido, fazer piqueniques, praticar esportes ao ar livre e usar mais os parques públicos pode ser, além de uma atividade de resistência às compressões e acelerações do ritmo de vida, uma maneira de estar na moda, ser “cool” e “in”.

## 2.1 TEMPO DE TRABALHO X TEMPO DE LAZER

Importante destacar que o tempo de lazer está condicionado ao tempo de trabalho. Em *O Capital*, Marx tematiza tal assunto e sua síntese é que “o reino da liberdade começa onde o trabalho deixa de ser necessidade e por utilidade exteriormente imposta.” (Marx, 1974, p.942 apud Antunes, 1999, p.173) O homem precisa satisfazer o reino das necessidades para então adentrar o reino da liberdade, e a condição fundamental para que isso ocorra é a redução da jornada de trabalho. Marcellino, a este mesmo respeito, diz que “(...) o tempo de lazer encontra-se não em oposição, mas em relação com o tempo das obrigações. Sobretudo com as obrigações profissionais – como o trabalho.” (2006, p.11) Baseado na literatura aqui apresentada, o tempo de lazer é o tempo que sobra após satisfeitas as necessidades e exigências das obrigações profissionais e pessoais. Trabalha-se hoje muito mais que o necessário para satisfazer o reino das necessidades visto que o modo de produção vigente estimula e lucra altos dividendos através de uma maior produtividade, que se dá pela acumulação possibilitada pelo sobretrabalho.

As lutas pela redução da jornada de trabalho são uma das maiores reivindicações trabalhistas desde muito tempo e constitui-se em um mecanismo de contraposição à extração de sobretrabalho. Observe o que afirma Antunes, com base em Marx:

Nos dias atuais essa formulação [redução da jornada de trabalho] ganha muito mais concretude, pois mostra-se, *contingencialmente*, como um

mecanismo importante (ainda que, considerado isoladamente, bastante limitado) para tentar *minimizar* o desemprego estrutural que atinge um conjunto enorme de trabalhadores e trabalhadoras. Mas *transcende* em muito essa esfera da *imediatez*, uma vez que a discussão da jornada de trabalho configura-se como *um ponto de partida decisivo*, ancorado no universo da vida cotidiana, para, por um lado, permitir uma reflexão fundamental sobre o tempo, o tempo de trabalho, o autocontrole sobre o tempo de trabalho e o tempo de vida. E, por outro, por possibilitar o afloramento de uma vida *dotada de sentido fora* do trabalho. (Antunes, 1999, p.174)

Enquanto as jornadas permanecem longas, sobretudo no setor terciário da prestação de serviços e dos trabalhadores autônomos, o escape encontrado pelo indivíduo parece ser o lazer aos fins de semana. Entretanto, a imersão em longas jornadas de trabalho tende a manter o indivíduo alienado do que significa tempo de trabalho e tempo de lazer. Há uma espécie de auto-culpabilização do sujeito que se pune, ainda que inconscientemente, por não estar produzindo o quanto imagina que deveria produzir, ou o quanto as pressões do mercado exigem-no que produza. Neste sentido, os momentos de descanso podem se tornar fonte de culpa e tormentas.

Em matéria do Jornal *O Globo* de 07/12/2014 circula uma matéria na capa do Caderno *Boa Chance* sobre as férias do trabalho. A matéria fala especificamente sobre o trabalhador contratado de uma empresa, e não sobre os autônomos citados acima, mas vale notar que ambos sofrem de pressões e receios similares. “De férias, com medo, mas sem culpa de ser feliz” traz dados e informações de que o brasileiro valoriza seu período de descanso, mas que tem medo do período de férias vir seguido de uma demissão. “O medo de ser malvisto, demitido ou perder uma importante decisão impede a maioria de relaxar.” A matéria traz ainda que poucos conseguem se desligar completamente do trabalho no período das férias, “Mas, planeta afora, são poucos os que conseguem efetivamente se desconectar completamente do trabalho.”

O aumento do tempo dedicado ao trabalho reduz cada vez mais o tempo livre, e isso pode modificar as dinâmicas de lazer e de uso dos espaços públicos da cidade. Se para manter o emprego o trabalhador precisa se submeter a rotinas cada vez mais longas, o tempo que sobra para o lazer é cada vez mais comprimido pelo tempo de trabalho e outros afazeres, como o tempo de dedicação à família, a aprender um idioma, a especializar-se profissionalmente, etc.

A aceleração do tempo, incluindo aqui o tempo de vida do indivíduo, pode justificar o aumento percebido nas atividades de lazer que têm lugar em áreas públicas da cidade. Parece haver uma espécie de movimento de retomada e uso destas áreas, sobretudo dos parques públicos urbanos. Os piqueniques foram identificados como uma atividade “na

moda” que vêm se multiplicando pelos parques da cidade do Rio de Janeiro e será objeto de reflexão mais profunda no presente trabalho. Os piqueniques espontâneos parecem comportar um movimento de resistência à impessoalidade nas relações e à aceleração do tempo e da rotina, se constituindo uma maneira de reencontrar as pessoas em outros espaços.

A profusão de atividades de lazer verde, ecológicas, de volta à natureza, podem ser um contraponto à rotina acelerada. Os piqueniques e outras atividades de lazer coletivo – corridas, passeios de bicicleta, skate, patins – parecem ter se intensificado nos últimos tempos no Rio de Janeiro, em especial no espaço público configurado pelos parques urbanos. Estas atividades – sejam apropriadas pelo mercado, sejam espontâneas – vêm lançando os corpos na cidade, estimulando que sejam vistos, tocados e interajam nos espaços públicos.

### 3. O ESPAÇO PÚBLICO: A CIDADE COMO ESPAÇO E PROJETO POLÍTICO

A localização dos equipamentos de lazer público oferece pistas do projeto de cidade adotado, assim como da sobreposição de épocas e de políticas variadas. O projeto de cidade se evidencia a partir de decisões de projeto e de legislações que consolidam também um discurso. São decisões e proposições políticas e de agentes que constroem ativamente o espaço da cidade – corpo técnico, legisladores, empresários, investidores – que produzem o espaço urbano: definem a localização de equipamentos, direcionam os investimentos em infra-estrutura, determinam as zonas de expansão e contenção de crescimento, etc.

Como pode-se apreender através de Serpa (2004, p.26), “uma pesquisa de pós-doutorado, desenvolvida recentemente no Laboratório Espaço e Cultura, da Universidade de Paris IV, mostra que a concepção e implantação de novos parques públicos, em Paris e Salvador, a partir dos anos 1990, estão sempre subordinadas a diretrizes políticas e ideológicas”, o que evidencia que a localização dos equipamentos urbanos, e em consequência a própria cidade, é um projeto político.

Assim como explicitado por Serpa (2004), através de Harvey apreende-se que as cidades do capitalismo tardio – sobretudo na América Latina – vêm passando por um processo de empresariamento em que competem no mercado internacional por investimentos. Importante destacar que “o novo empresariamento tem como característica central a noção de ‘parceria público-privada’” (Harvey, 1996), beneficiando claramente os interesses do capital. (Benayon et al., 2014)

Com base em Serpa e Harvey pode-se falar sobre a cidade como um produto de decisões e de estratégias políticas, sociais e econômicas que têm poder para transformar e ou consolidar o espaço urbano. É percebido que a legislação direciona os investimentos e define

as ditas potencialidades dos locais da cidade, contribuindo para atrair investimentos de agentes ativos e empoderados para uma área em detrimento de outra. São estas decisões e a própria localização dos equipamentos públicos de lazer que vão possibilitar e proporcionar vivências e atividades pelos espaços de convívio da cidade.

### 3.1 OS PARQUES PÚBLICOS URBANOS

A localização dos espaços públicos na cidade contemporânea – que sofre a cada dia mais com a falta de acessibilidade física e com longos congestionamentos para atravessá-la – evidenciam que a sua apropriação não é acessível a todos. A apropriação seletiva pode estar condicionada, entre outros fatores, à própria localização dos equipamentos públicos de lazer, mas este não parece ser o único elemento que justifique esta prática. Há também um aspecto simbólico de apropriação e uso dos parques urbanos, assim como de quaisquer outras áreas da cidade.

A disposição e implantação de equipamentos de uso público costumam ser norteadas pelo Plano Diretor da Cidade, que usualmente a divide em macrozonas de planejamento e ocupação, definindo e legitimando padrões de adensamento, expansão e edificação da cidade.

O Parque Madureira, por exemplo, localiza-se na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, uma área pouco turística, mas de grande concentração populacional. O Parque foi – e está sendo – um grande investimento em termos de lazer urbano nos seis bairros por ele cortado, assim como em suas adjacências. Além de levar uma opção cheia de equipamentos e possibilidades para perto da moradia de pessoas que precisavam se deslocar para os momentos de lazer, o Parque valorizou o solo das áreas do entorno. Vale ressaltar que o bairro de Madureira é integrante da Macrozona de Ocupação Incentivada<sup>5</sup>, evidenciando que os investimentos verificados através da implantação do parque e do BRT Transcarioca<sup>6</sup> não são mero acaso, mas fruto de uma definição política anterior que a ampara.

Há importantes indícios de que a temática “Parques Públicos” esteja entrando na moda na agenda urbana do Brasil. Nos dias 18 e 19 de novembro de 2014 ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, no Jardim Botânico, um ciclo de debates cuja temática era “Parques do Brasil”. Foi um evento organizado pela Fundação Getúlio Vargas, Instituto Semeia, Instituto

---

<sup>5</sup> segundo Plano Diretor do Rio de Janeiro, que dispõe no item II, cap. 18 do projeto de lei complementar nº 25/2001, a seguinte definição: “Macrozona de Ocupação Incentivada, onde o adensamento populacional, a intensidade construtiva e o incremento das atividades econômicas e equipamentos de grande porte serão estimulados, preferencialmente nas áreas com maior disponibilidade ou potencial de implantação de infraestrutura.”

<sup>6</sup> Corredor viário que atravessa 27 bairros, entre eles Madureira, Cascadura, Irajá, Vila da Penha, Barra da Tijuca, Tijuca, cortando o Rio de Janeiro transversalmente.



Rio Patrimônio da Humanidade e Arq.Futuro. Segundo prospecto distribuído no evento, “Parques serão analisados como espaços públicos fundamentais ao bem-estar das pessoas, das cidades e dos ecossistemas.” A tônica do evento era pensar e apresentar alternativas de gestão, parcerias, a rentabilidade dos parques e o engajamento da sociedade civil.

Como dito no prospecto do evento, os parques estão ligados ao bem-estar das pessoas, e configuram espaços possibilitadores de vivências e de sociabilidades; é civilizatório e educativo à medida que induz as pessoas a desenvolverem civilidade (Sennett, 1988, p.323), uma espécie de capacidade de lidar e conviver com as alteridades. As atividades de lazer nos parques públicos, entre elas os piqueniques, parecem vir se proliferando pela cidade do Rio de Janeiro nos últimos tempos. Há matérias em jornais e revistas, impressos e eletrônicos, sobre o crescimento deste tipo de atividade. Há material, inclusive, sobre o “nicho de mercado” criado pelo renascimento da prática, que deu origem a algumas empresas especializadas em organizar os piqueniques que acontecem em áreas públicas da cidade.

24/11/2014



#### Piquenique volta à moda no RJ

Os piqueniques viraram uma febre no Rio de Janeiro. Inclusive, já existem empresas especializadas em montar cenários e levar as comidas para os encontros ao ar livre.

DIVERSÃO

## Festa no xadrez

Piquenique vira negócio, com empresas que armam tudo e deixam o chão bem limpinho

Por: Carolina Barbosa | 11/06/2014 às 17:03

f Compartilhe | t Compartilhe | g+ Compartilhe | r



| Crédito: Redação Veja rio

Matérias retiradas da internet com as informações que o piquenique volta à moda<sup>7</sup> (24/11/2014) e vira negócio<sup>8</sup> (11/06/2014)

#### 4. O USO DOS PARQUES PÚBLICOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Observa-se nos últimos anos uma profusão de atividades de lazer espalhadas pela cidade do Rio de Janeiro tomando lugar em parques públicos. Piqueniques, ensaios e atividades culturais ao ar livre nos jardins do Aterro do Flamengo, Lagoa Rodrigo de Freitas, Parque Lage, Parque Madureira, Bosque da Barra, para citar alguns exemplos. Como já dito anteriormente, esta grande quantidade de atividades ligadas à natureza e tomando lugar em

<sup>7</sup> <http://noticias.band.uol.com.br/cafe-com-jornal/video/15286870/piquenique-volta-a-moda-no-rj.html> acessado em 05/12/2014

<sup>8</sup> em <http://vejario.abril.com.br/materia/servicos/empresas-piquenique-rj/> acessado em 05/12/2014.

espaços públicos podem ser indícios de que esteja em curso um reflorescimento do espaço público no discurso e nas práticas sociais urbanas.

As pessoas parecem estar em busca deste tipo de atividade de lazer ao ar livre, aparentemente inaugurando uma cultura de resistência. As atividades espontâneas, aquelas em que a pessoa reúne amigos e vai usar os espaços públicos da cidade, parecem conter traços de resistência à cultura de enclausuramento do lazer e dos corpos.

Cada espacialidade, assim como o grupo social que será seu usuário preferencial, possibilita uma diferente apropriação, que depende não somente dos equipamentos físicos dispostos nos parques, mas do habitus que caracteriza este grupo, segmento, geração ou classe. O que transforma a distribuição do capital em diferenças percebidas está na dialética que contrapõe o habitus e as verdadeiras condições materiais. É uma espécie de “capital simbólico” (Serpa, 2004, p.26) em que o gosto, propensão e aptidão à apropriação material ou simbólica de objetos e práticas são princípios geradores de estilos de vida distintos – e exteriormente percebidos.



Piquenique de encontro de blogueiras em maio de 2014 no Parque Madureira. Pelas fotos<sup>9</sup> a atividade realizada em um Sábado teve longa duração: na segunda foto já é noite. As participantes organizaram seu próprio lazer.



A foto à esquerda<sup>10</sup> foi uma comemoração de aniversário piquenique em setembro de 2012. A Foto à direita<sup>11</sup> é um piquenique também no aterro em março de 2013. Em ambos os piqueniques os participantes organizaram seu próprio lazer.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.patytototal.com/2014/05/encontro-de-blogueiras-em-comemoracao.html> acessado em 06/12/2014

<sup>10</sup> <http://aventurasdamadu.blogspot.com.br/2013/03/piquenique-no-mam.html> acessado em 06/12/2014

<sup>11</sup> <https://minhacaixadefosforo.wordpress.com/tag/primavera/> acessado em 06/12/2014



Importante atentar que a despeito de diferenças de imagem, de público, de classe, de habitus, as atividades de lazer ao ar livre – sobretudo em áreas públicas – contém em si um caráter subversivo à ordem de consumo. Ainda que apareçam com roupagens diferentes, são atividades que compartilham aspectos importantes: unem grupos de pessoas socializando entre si, e eventualmente entre diferentes. A sociabilidade pulsa no espaço público.

O uso dos parques para atividades coletivas de lazer – quer sejam atividades conscientes, políticas e de resistência; ou simplesmente a reprodução de práticas de consumo – promove a interação entre corpos. Em uma época de enclausuramento, de rotinas estafantes e de home-office, há indícios de que as pessoas sintam maior necessidade de interação e convivência. Ocupar e dar uso aos parques públicos, neste sentido, são formas de promover sua revalorização, de resistir ao seu esvaziamento e situar-se na contramão da expansão desenfreada da esfera privada.

#### 4.1 AS ATIVIDADES DE PIQUENIQUES

O movimento romântico, do Século XVIII, teve a temática de volta à natureza em sua primeira geração podendo ser observada tanto na literatura quanto nas artes plásticas como afirma Carvalho (Carvalho, 2009, apud Müller et al, 2013).

A partir do romantismo, a natureza passa a ser um valor desejado e valorizado pela sociedade. Nessa perspectiva, “[...] fazer passeios ao ar livre, piqueniques nos bosques, ouvir música em ambientes naturais, ir ao campo nos finais de semana, empreender, observar pássaros, são fartamente registrados pela literatura e pintura dos séculos XVIII e XIX.”

A etimologia da palavra piquenique “tem origem no francês pique-nique. Na França do século XVII, o pique-nique era uma refeição na qual cada um levava sua parte. Dois séculos mais tarde, os franceses absorveram do picnic inglês o sentido moderno da palavra: passeios ao ar livre nos quais as pessoas levam alimentos para serem desfrutados por todos. Na França, existe o verbo pique-niquer, que seria algo como ‘piquenicar’<sup>12</sup>.

Inúmeras obras de arte de pintores de diferentes partes do mundo retrataram esta atividade de “piquenicar”, representando, além de felicidade, compartilhamento, reunião, convivência e, como afirma a artista plástica Denise Ludwig<sup>13</sup>, ar livre, cheiro de flores e de mato, sombra das árvores, contato direto com a natureza e reunião em harmonia com ela, o que inspira e acolhe a todos para brindar a alegria e a paz, como observa-se nos exemplos abaixo.

<sup>12</sup> Disponível em <http://www.dicionarietimologico.com.br/piquenique/> consultado em 29/09/2014

<sup>13</sup> Disponível em <http://deniseludwig.blogspot.com.br/2014/02/pinturas-de-piqueniques-em-parques-e.html> acessado em 29/09/2014



Quadro de Charles Courtney Curran – *Picnic Supper on the Sand Dunes*<sup>14</sup>  
Artista americano (1861-1942)



Quadro de James Tissot – *Holyday (or The Picnic)*<sup>15</sup>  
Pintor francês (1836-1905)

Nas representações atuais dos piqueniques, sobretudo na forma de registros fotográficos, é possível encontrar piqueniques em diversos parques europeus e norte-americanos, e não conseguir diferenciá-los dos piqueniques em parques brasileiros. Há elementos-chave comuns a esta atividade presentes em piqueniques em quaisquer lugares do mundo. Não fosse por alguns elementos da paisagem, do idioma dos rótulos, e da fisionomia das pessoas, seria impossível distingui-los uns dos outros. O modo de consumo se propaga em grande velocidade e este se reproduz também na forma de apropriação de áreas públicas.

Uma pesquisa com a hashtag #picnic na rede social de compartilhamento de imagens *Instagram* trará resultados de piqueniques realizados em diferentes lugares do mundo, e alguns indiferenciáveis entre si. Nas fotos em que não é compartilhado o local via

<sup>14</sup> Disponível em <https://artsy.net/artwork/charles-courtney-currant-picnic-supper-on-the-sand-dunes/zoom> acessado em 05/12/2014

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.jamestissot.org/Holyday-%28or-The-Picnic%29.html> acessado em 05/12/2014

gps, se percebe a procedência do registro pelo idioma do compartilhamento, pela presença de ícones arquitetônicos e locais significativos, ou ainda por características fisionômicas das pessoas retratadas. Este fato se justifica em grande parte por aspectos contemporâneos da propagação e difusão de modas, hábitos de consumo e estilos de vida, que não se confinam a barreiras geográficas ou culturais. A cultura viaja pelos meios de comunicação e influencia comportamentos e hábitos de consumo no mundo todo.



Fotos<sup>16</sup> de piqueniques pesquisadas sob a hashtag #picnic na rede social de compartilhamento de imagens *Instagram*. Como se apreende, a prática se reproduz pelo mundo, e nem sempre as diferenças são significativamente percebidas.

Os piqueniques espontâneos, aqueles organizados pelas próprias pessoas que irão participar da atividade em que cada um leva um prato e compartilha-se da comida, parecem representar uma resistência às acelerações da contemporaneidade. Parece um movimento de resistir ao lazer confinado, à hora marcada, às pressões do trabalho e da vida. A compressão do tempo de lazer, que reduz à medida que o tempo de trabalho se expande, parece estar produzindo um movimento de negação desta condição, e neste contexto se inserem as atividades de lazer coletivo nos espaços públicos urbanos. Os espaços de lazer são cheios de pessoas, e a permanência se dá de uma maneira diferente de uma casa de shows, de um shopping, ou de uma galeria de artes. Há uma outra relação estabelecida com o espaço e com as pessoas à volta.

Ao pesquisar sobre os piqueniques e buscar representações contemporâneas deste tipo de atividade, começaram a surgir algumas peculiaridades. Hoje há empresas especializadas em organizar o piquenique para seus clientes, desde a ornamentação até os quitutes que serão servidos. É uma festa paga que acontece em um espaço público,

<sup>16</sup> Fonte: captura de imagem pelo smartphone da autora através da rede social *Instagram*. Fotos 1 e 2 acessadas em 07/12/2014; fotos 3 e 4 acessadas em 8/12/2014.



usualmente, no caso da cidade do Rio de Janeiro, na Lagoa Rodrigo de Freitas e nos jardins do Aterro do Flamengo. Este tipo de produto (o piquenique sob encomenda) subverte o sentido original do piquenique enquanto atividade de lazer espontânea em que os participantes levam, cada um, comidas e bebidas para compartilhar entre si.

Uma vez que o mercado se apropria da atividade começam a surgir incongruências entre o seu sentido e a forma como ela (a atividade) é organizada. Nesta situação o piquenique também se torna uma mercadoria, o que declina os valores de resistência expressos na atividade quando espontânea.

Imagens<sup>17</sup> capturadas pela rede social *Instagram* dos perfis de empresas que realizam piqueniques



Empresas que realizam piqueniques sob encomenda: perfil 'picnicchique' e perfil 'vivapicnic'. Na primeira imagem uma foto de piquenique na Lagoa Rodrigo de Freitas; na segunda imagem a empresária fundadora da 'PICNIC CHIQUE' sendo entrevistada pela *Globo News*; a terceira imagem com um kit de piquenique que pode ser comprado pela internet e enviado para todo o Brasil através do site [www.vivapicnic.com.br](http://www.vivapicnic.com.br).

A dedicação ao trabalho vai comprimindo o tempo de lazer, e o mercado se apropria dessa característica oferecendo o lazer do tamanho certo, que caiba nas horas disponíveis e no orçamento de quem compra. É o lazer 'na medida'. Vende-se a imagem e a ideia de que o piquenique planejado por uma empresa para você será exclusivo, personalizado, "cool", e uma solução para a sua falta de tempo (e de disposição) de arrumar tudo. O indivíduo se aliena do processo de preparo da atividade de lazer que seria o momento em que tem total controle sobre seu tempo. Importante frisar que os piqueniques contratados têm hora marcada para começar e terminar, o máximo de duração costuma ser de 4 horas.

<sup>17</sup> Fontes: captura de imagem pelo smartphone da autora através da rede social *Instagram*. Fotos 1 e 2 acessadas em 14/11/2014; foto 3 acessada em 7/12/2014.

Nesta lógica do piquenique mercadológico, Sennett auxilia na compreensão ao postular que “A massa de corpos que antes aglomerava-se nos centros urbanos hoje está dispersa, reunindo-se em pólos comerciais, mais preocupada em consumir do que com qualquer outro propósito mais complexo, político ou comunitário.” (Sennett, 2003, p.19). No caso dos piqueniques contratados, o indivíduo consome o serviço, mas este serviço toma lugar, em geral, nas áreas públicas da cidade.

Em matéria da *Veja Rio* de 11 de junho de 2014 encontra-se o relato de uma consultora de RH que contratou a empresa *Viva Picnic* para organizar sua festa de 30 anos. Ela diz que não precisou se preocupar com nada, e que não teria tempo para organizar o evento sozinha. Na matéria – com imagem abaixo – fala-se sobre o preço do serviço prestado, assim como o tempo limitado do evento, que tem duração máxima de quatro horas, eliminando a espontaneidade de prolongamento do tempo de duração de um piquenique.

Matéria da Revista *Veja Rio* sobre Piqueniques: convescotes modernos

DIVERSÃO

## Festa no xadrez

**Piquenique vira negócio, com empresas que armam tudo e deixam o chão bem limpinho**

Por: Carolina Barbosa | 11/06/2014 às 17:03

 Compartilhe
  Compartilhe
  Compartilhe
 



| Crédito: Redação Veja rio

A temperatura agradável do início de junho, as poucas chuvas dos últimos dias e, segundo a previsão, dos próximos também, tudo isso é um convite para uma prática que o carioca adora: fazer piquenique. Seja na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Aterro ou no Parque Lage, sobram lugares para um bom convescote? sinônimo divertido, pouco usual, para aquele encontro movido a ótimos amigos, comidas



O costume de comer em festas ao ar livre ganhou impulso no século XVII, especialmente entre a nobreza europeia. Por aqui, já sofreu preconceitos, com os habitués chegando a ser tachados de farofeiros. Hoje é rito de descolados. Alheia à discussão, a consultora de RH Luíze Resende contratou a *Viva Picnic*, de Botafogo, para ajudá-la em sua festa de 30 anos. O evento foi um sucesso. "Terceirizar o serviço facilita a vida de quem, como eu, não dispõe de muito tempo", diz Luíze, frisando que, sozinha, não saberia, por exemplo, onde arranjar isopor e gelo, muito menos pensar em toda a infraestrutura necessária. As empresas bolam a decoração, podendo dar conta também do bufê (nada de frituras nem maionese em excesso) e oferecem mimos como cadeiras sem pés (ideais para a grama) e potinhos com cravos para espantar formigas. Claro que há um preço: dependendo do grau de sofisticação, mais de 100 reais por pessoa. E a festa tem duração fixa, perdendo muito de sua espontaneidade: a empresa monta tudo, faz a limpeza no fim, não deixa um farelo no chão, mas a brincadeira deve durar no máximo quatro horas. Convescote moderno é isso aí.

Fonte: VEJA RIO

Fonte: <http://vejario.abril.com.br/materia/servicos/empresas-piquenique-rj/> acessado em 07/12/2014.

Ainda que apropriado pelo mercado a atividade de Piquenique lança o ser humano no espaço público. Quase sempre, pois já há registros de piqueniques corporativos, em que a empresa contrata uma prestadora de serviços para organizar um piquenique “indoor” no horário de trabalho. Mas em se tratar dos piqueniques usuais que acontecem nos parques públicos, por mais que os piqueniques organizados por empresas especializadas não pareçam configurar um movimento de resistência à impessoalização contemporânea, ainda há uma



ressignificação do espaço público por uma maior ocupação dos parques. E este tipo de atividade de lazer vem mudando dinâmicas e práticas espaciais, sociais, e também de consumo.

## 5. CONCLUSÃO

A contemporaneidade apresenta aspectos de compressão e aceleração do tempo (devido especialmente à aceleração de giro do capital) que influenciam modos de pensar, agir e sentir. A sociedade contemporânea é fluida (Bauman, 2001) e tende a sofrer com a desintegração de valores e sentidos de vida, e neste contexto se verifica uma crescente busca por sentidos e por atividades e rotinas que sanem esta carência.

As compressões e exigências contemporâneas se verificam em grande medida no tempo dedicado ao trabalho, que comprime cada vez mais o tempo de lazer. O tempo de lazer escasso parece produzir uma movimentação de resistência, que se reflete nas atividades de lazer buscadas e no local em que elas acontecem. Parece estar em curso uma retomada dos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro, em especial os Parques Públicos Urbanos.

Em vias de apropriação e uso dos Parques Públicos, tem-se que a localização e construção dos equipamentos de lazer são projetos definidos e direcionados pelos agentes produtores da cidade, e em especial pelas leis, que fixam no espaço urbano modelos de desenvolvimento, contenção e expansão.

Tem-se verificado no Rio de Janeiro uma explosão de atividades de lazer em Parques Públicos, em especial o piquenique, que ganha atenção pela grande mídia ocupando matérias em jornais e revistas, e se torna “nicho de mercado”.

Os piqueniques espontâneos parecem conter traços de resistência à cultura de enclausuramento do lazer e dos corpos e têm sido agentes de ocupação e uso dos espaços públicos da cidade. Ocupar e dar uso aos parques públicos são formas de resistir ao seu esvaziamento e situar-se na contramão da expansão desenfreada da esfera privada.

Na contramão da resistência, em parceria com a lógica capitalista contemporânea de converter tudo em mercado, os piqueniques ressurgem em uma opção de versão repaginada e vendida como mercadoria. São as empresas especializadas na organização de piqueniques nos espaços públicos da cidade, que atuam majoritariamente na Zona Sul – a área mais valorizada pelo capital imobiliário.

Ainda que apropriada pelo mercado, a atividade de Piquenique lança o ser humano no espaço público, os corpos voltam a se encontrar pela cidade promovendo uma

ressignificação da vida pública, o que tem o potencial de alterar comportamentos e dinâmicas espaciais, sociais e de consumo.

O sistema vigente é repleto de desigualdades e incongruências, mas a reflexão sobre as atividades de lazer na cidade e suas reverberações em dinâmicas e práticas sócio-político-espaciais podem dar pistas de caminhos e alternativas para reapropriação e ressignificação do espaço público. A partir de reflexões sobre pontos de conflito e insurgências podem emergir interessantes soluções para as contradições manifestas no espaço público e político das cidades.

## 6. REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R.** 1999. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho* – São Paulo: Boitempo Editorial, 5ª edição
- BAUMAN, Z.** 2001. *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- BENAYON et al,** 2014. *Indignação e expectativas nas manifestações brasileiras de 2013: uma leitura empírica*. In: III ENANPARQ, 2014, São Paulo. Disponível em: [http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/SC/ORAL/SC-EPC-010\\_BENAYON\\_CAPANEMA-ALVARES\\_SOUZA.pdf](http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/SC/ORAL/SC-EPC-010_BENAYON_CAPANEMA-ALVARES_SOUZA.pdf) Acessado em 07/12/2014
- CARVALHO,** 2009:143 apud MÜLLER, D. ; HALLAL, Dalila Rosa . *Passeios e Viagens em Busca da Natureza: novas sociabilidades da elite pelotense no século XIX*. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal. XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. v. 1. p. 1-11.
- HARVEY, D.** 2007. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola.
- \_\_\_\_\_. 2014. *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*; tradução Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins.
- MARCELLINO, N. C.** 2006. *Estudos do lazer: uma introdução*. São Paulo, Autores Associados.
- SENNETT, R.** 1988. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*; tradução Lygia Araujo Watanabe. – São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. 2003, *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*, Rio de Janeiro, Record, , 3ªed.
- SERPA, A.** 2004. *Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica*. GEOUSP - Espaço e Tempo, nº15.